

MANUEL M. RAMOS LOPES

ÚLTIMA LIÇÃO E CERIMÓNIAS JUBILARES

COIMBRA, 1993



E)
78.2Lopes, Manuel
LOP

A Bollenen Mensch
2 Bands

02

M. R. M.

MANUEL M. RAMOS LOPES

ÚLTIMA LIÇÃO E CERIMÓNIAS JUBILARES



Perm.

Borcalione

COIMBRA, 1993

58881

ÚLTIMA LIÇÃO *

Quiseram os Chefes de Serviço e outros Colegas do Serviço de Cardiologia, que dirigi durante largos anos, organizar esta luzida cerimónia jubilar assinalando o termo da minha actividade oficial na Faculdade de Medicina de Coimbra e no seu Hospital.

E ao comunicarem-me na hora própria a sua intenção, nela puseram duas tónicas que a tornaram para mim completamente irrecusável.

Tratar-se-ia de uma sessão em que as capacidades do Serviço de Cardiologia dos HUC na hora actual seriam referidas, por responsáveis de vários Sectores, perante uma assistência que contaria com convidados ilustres, muitos deles meus provados Amigos de longa data.

Ora, falarem-me do Serviço de Cardiologia dos HUC em que tanto me empenhei e rodearem-me de Amigos que muito prezo constituía para mim, como já disse, uma proposta que em nenhuma circunstância eu teria coragem de recusar.

Isto, porque se o Serviço de Cardiologia dos HUC foi para mim uma aposta que as circunstâncias permitiram levar a bom

* De Manuel Miranda Ramos Lopes, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra e Director do Serviço de Cardiologia dos HUC; integrada numa cerimónia jubilar em que, primeiro, se falou das capacidades e actividades do Serviço de Cardiologia e do Serviço de Cirurgia Cardíaca dos Hospitais da Universidade de Coimbra e depois, numa segunda parte, decorreu uma sessão de homenagem que terminou com esta lição (Grande Auditório dos HUC, 20.10.90).

porto, o culto da Amizade sempre me motivou de um modo muito particular.

Além do mais e antes de tudo, a gentileza e a afectividade cristalizadas na intenção desta festa jubilar eram já de si tão gratificantes para o meu espírito, que só me restava vergar-me à generosa vontade dos meus companheiros de trabalho.

E então compreendi como, com tais ingredientes, eles foram capazes de transformar uma cerimónia jubilar em festa naturalmente jubilosa.

Vai, por isso, para todos eles, a minha primeira palavra de agradecimento, deixando expresso quanto me sensibilizou a fidalguia desta iniciativa que, além do mais, me deixa uma certeza reconfortante: a de que nesta equipa de Cardiologistas, a tecnologia e o profissionalismo da rotina diária não fizeram esquecer outros atributos miticamente ligados ao órgão-alvo dos nossos cuidados. Quer dizer, nesta equipa – e isso me dá um gosto muito particular – os homens do coração são também homens *de coração*. Bem hajam!

Começou esta segunda parte da sessão de hoje por palavras amigas que, na circunstância, personalidades aqui presentes quiseram proferir.

E mais do que o que foi dito, e que a amabilidade de quem fala podia tornar previsível, me surpreenderam as inesperadas e imerecidas honras que quiseram fazer-me e muito me desvanecem.*

* Concessão e entrega, pelo respectivo Vice-Presidente, da Medalha de Mérito da Sociedade Europeia de Cardiologia; atribuição do seu nome à Unidade de Cuidados Intensivos Coronários (UCIC-RAMOS LOPES); proposta da Direcção do Hospital ao Ministro da Saúde de público louvor que veio a sair no D.R. n.º 49 - 2ª Série de 28.Fev.1991.

Quanto às palavras, torna-se claro que os diversos oradores, com o seu julgamento generoso, foram capazes de me encontrar virtudes que eu não possuo em tal grau.

Disse alguém que “o panegírico dos vivos corre o risco da adulação e eventualmente do oportunismo”. “O dos mortos, continuava esse pensador, é mais generoso, objectivo e desinteressado”.

Ora, nesta perspectiva e nesta circunstância, não espanta o tom laudatório dos oradores de hoje, nem a magnanimidade das suas palavras. Sendo a jubilação, de algum modo, uma espécie de morte administrativa, não admira que o jubilado seja tratado com especial generosidade. E disso beneficiei.

Seja como for, eu quero deixar expresso quanto me tocou a gentileza das palavras que aqui disseram e eu guardarei como inolvidável recordação deste dia.

*
* *

Faz agora 51 anos que eu bati à porta da Faculdade de Medicina de Coimbra com um numeroso grupo de companheiros que aqui recordo com afecto e já saudade de alguns.

Notáveis Mestres, que aqui evoco, contribuíram decisivamente para a nossa educação profissional e formação humana.

Seis anos depois, com a bagagem que a Escola nos havia fornecido e marcados pelo Juramento Hipocrático, partimos em diferentes direcções para cumprimento do nosso destino.

Eu fiquei algum tempo com outros companheiros nos Hospitais da Universidade e, tendo escolhido os Serviços de Terapêutica Médica e Cardiologia da Direcção do Prof. João Porto, dele recebi

algum tempo depois o convite, logo concretizado, para ingressar no Quadro Docente da Faculdade, como seu Assistente. Estávamos em meados de 1946.

Nove anos depois (1955), fazia eu Provas de Doutoramento, mais nove anos (1964), o meu Concurso para Professor Extraordinário e, seis anos após (1970), o meu Concurso para Professor Catedrático.

Agora, vinte anos volvidos sobre o meu último concurso e quarenta e quatro após a minha primeira posse como Docente, encontro-me do outro lado – do outro lado da vida, como diria o poeta – junto à porta de saída da Faculdade, esta muito mais estreita que a grande porta de entrada que eu franqueara com os meus Colegas de Curso em 1939.

Mas cá cheguei. Com que bagagem? E com que disposição?

Foi longa a caminhada, mas Deus permitiu que eu aqui chegasse sem excessivas mossas a assinalar o decurso dos anos. E permitiu também que eu conservasse o meu optimismo e mantivesse a esperança. Não há amargura na minha bagagem de caminheiro...

Entretanto, quanta coisa dura nas voltas do caminho... Mas quanta coisa bela!

A minha vida na Faculdade e no seu Hospital, apesar de intensamente vivida, decorreu sem sobressaltos assinaláveis e esteve sempre muito ligada à Cardiologia: por influência de João Porto, como um baptismo, aqui em Coimbra, e de Jean Lenègre, em jeito de confirmação, alguns anos depois no Hospital Boucicaut, em Paris.

As minhas passagens pela docência da Deontologia Médica, durante 12 anos, pela Propedêutica Médica com Bruno da Costa e,

mais tarde, pela Clínica de Doenças Infecciosas como Professor da Cadeira e Director do Serviço, não me desviaram nunca do meu rumo que foi plenamente retomado, a nível hospitalar, quando em fins de 73 regressei à Terapêutica Médica para ver, pouco depois, o seu Sector de cardiologia transformado num verdadeiro Serviço com instalações próprias e quadro privativo.

E aí começou, então, a grande luta por um Serviço de Cardiologia que honrasse as tradições do Sector a que sucedera e acompanhasse os rápidos progressos da técnica cardiológica. O que tinha as suas dificuldades.

As nossas condições logísticas no Velho Hospital eram francamente más, o equipamento insuficiente e muito escassas as dotações orçamentais.

Mas Deus, que ao sexto dia fez o homem e ao sétimo descansou, fez logo ao oitavo dia a Fundação Gulbenkian... E ela nos ajudou, de um modo que não será demais encarecer, viabilizando e apoiando:

1. O DEPARTAMENTO DE ECOCARDIOGRAFIA iniciado em Janeiro de 1978, para o qual a Fundação concedeu verbas diversas destinadas à preparação de pessoal e a sucessivas aquisições de equipamento: Eco de Modo-M, primeiro, Eco Bidimensional e Doppler, depois, e sonda para Eco Transesofágico, ultimamente.
2. A UNIDADE DE CUIDADOS INTENSIVOS PARA CARDÍACOS (UCIC), em funcionamento desde Janeiro de 1980, cuja instalação a Gulbenkian tomou a seu cargo em termos de logística e de ulterior renovação de equipamento.
3. AS TÉCNICAS RADIOISOTÓPICAS EM CARDIOLOGIA fornecendo, por nossa solicitação, ao Laboratório de

Radioisótopos da Faculdade de Medicina de Coimbra – onde desde 1981 praticávamos técnicas de cintigrafia para zonas de enfarte – aparelhagem diversa para Angiografia de Radio-nuclidos (1983).

Por seu lado, a Administração Hospitalar não nos faltou nunca com a sua boa vontade, e assim – com a capacidade e o entusiasmo dos meus colaboradores, alguns deles preparados e treinados em Hospitais estrangeiros – foi possível ir dotando o Serviço com todas as valências exigíveis a um moderno Serviço de Cardiologia, em matéria de meios de diagnóstico e técnicas de tratamento.

TÉCNICAS DE DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA

INCRUENTAS	CRUENTAS
Electro-Vectocardiografia Fonomecanocardiografia Tapete Rolante. Holter Pressurometria Ambulatória Ecocardiografia Modo-M Bidimensional Eco-Doppler Cardiologia Nuclear Cintigrafia Simples Cintigrafia de Perfusão A.R.N.	Cateterismo Direito Cateterismo Esquerdo Angiocardiografia Cine-Angiocardiografia Coronariografia Cateterismo de Intervenção Angioplastia Coronária Raskind Valvuloplastia Estudos Electrofisiológicos Pacing Cardíaco

HUC 1989-90

A notável melhoria do equipamento da Sala de Cateterismo, verificada com a mudança para o Novo Edifício do Hospital, permitiu progredir muito na qualidade dos exames angiográficos e avançar para várias técnicas de Cardiologia de Intervenção.

Um dos últimos Sectores a ser implementado no Serviço foi um pequeno Núcleo de Internamento para diagnóstico etiológico das hipertensões secundárias que se revelou de grande rentabilidade pelo inesperado número de hipertensões deste tipo diagnosticadas e depois corrigidas.

SECTOR DE HIPERTENSÃO ARTERIAL

Consulta Externa	2.600/Ano
Internamentos	± 200/Ano
Hipertensões Secundárias	102
Estenose da Artéria Renal	70
Angioplastias	22
Hiperaldosteronismo Primário	22
Feocromocitomas	10

HUC 1988-1990

Já há vários anos (1987), tornou-se possível criar um Sector de Cardiologia Pediátrica que a Fundação Gulbenkian também ajudou com verbas diversas e que só a grande dedicação e capacidade do Cardiologista responsável pelo Sector, em estreita colaboração com o Hospital Pediátrico, tornou viável num hospital de adultos. Mas assim tinha de ser, pois se os bebés e crianças doentes estavam no Hospital Pediátrico, nos HUC estavam os Cardiologistas, a aparelhagem e o Cirurgião Cardíaco.

E ao falar em Cirurgia Cardíaca tocamos noutra dos grandes motivos da nossa preocupação por uma Cardiologia integral e, por isso, médico-cirúrgica.

A lista de doentes com malformações congénitas, valvulopatias ou doença coronária, estudados e seleccionados para intervenção cirúrgica, ia crescendo cada vez mais no nosso Serviço. E não era viável mandá-los sistematicamente para fora de Coimbra ou para fora do país.

Havia que criar estruturas locais com suficiente capacidade de resposta para estas necessidades e nessa luta se empenhou a 100% o Serviço de Cardiologia da minha direcção.

Os Cirurgiões, que também sentiam o problema, aceitam o desafio. A Fundação Gulbenkian e a Administração Hospitalar empenham-se nesta luta e, pouco a pouco, no Serviço da Direcção do Prof. Bártholo Pereira, surgem as necessárias estruturas e meios humanos que permitiram o arranque da Cirurgia Cardíaca em Coimbra em 1978.

Todavia, o escasso número de intervenções realizadas (uma por semana) não constituía resposta adequada às nossas necessidades, nem seria capaz de proporcionar o necessário treino e progresso à equipa cirúrgica, como de resto veio a verificar-se. O que era extremamente preocupante.

Por isso, a Direcção do Hospital com Norberto Canha, o nosso Serviço de Cardiologia, o Serviço de Cirurgia Cardiotorácica com Bártholo Pereira e ainda outras pessoas, se empenharam em laboriosas diligências que culminaram num convite dirigido pelo Conselho Científico da Faculdade de Medicina ao Doutor Manuel Antunes, reputado Cirurgião Cardíaco na África do Sul e Full Professor na Universidade de Witwatersrand, para vir até nós como Professor Associado de Cirurgia Cardiotorácica.

O convite foi aceite e em Abril de 1988, já no Novo Hospital, inaugura-se com Manuel Antunes a segunda fase da Cirurgia Cardíaca nos Hospitais da Universidade. E com um nível, um dinamismo, uma capacidade e um ritmo que fizeram com que em Junho deste ano — cerca de dois anos após o seu arranque — se celebrasse a intervenção sobre o milésimo doente.

O que só foi possível mercê da dedicação, entusiasmo, profissionalismo e competência dos elementos do meu Serviço mais envolvidos na colaboração com a Cirurgia.

Os Serviços de Cardiologia, que desde sempre deram à Cirurgia Cardíaca a mais estreita colaboração, foram profundamente afectados na sua dinâmica e capacidade por esta explosão da cárdio-cirurgia no nosso Hospital.

A complementaridade dos dois Serviços foi assumida desde a primeira hora e o excesso de trabalho criado pela necessidade de estudar e discutir os doentes cirúrgicos com a respectiva equipa — em muitas horas semanais de trabalho comum — foi largamente compensada pela contrapartida de ter à mão uma Cirurgia Cardíaca de qualidade.

Na verdade, sendo a Cardiologia cada vez mais uma disciplina médico-cirúrgica, torna-se evidente que um doente estudado no nosso Laboratório de Hemodinâmica, ou aí sujeito a técnicas de cateterismo de intervenção, ou assistido na Unidade de Cuidados Intensivos, ou simplesmente internado numa das nossas Enfermarias, está aqui em muito maior segurança do que estaria num hospital que não dispusesse de uma equipa cirúrgica deste nível e sempre presente.

Tudo isto explica o relevo e pormenor que dei a este assunto da Cirurgia Cardíaca, cujos problemas — como Director do Serviço de Cardiologia Médica — eu vivi apaixonadamente.

Por isso, ao deixar as minhas funções oficiais na Faculdade de Medicina e no seu Hospital, eu quero dizer que uma das coisas mais gratificantes que levo comigo é a do pleno êxito da luta em que com outros me empenhei por uma Cirurgia Cardíaca de qualidade no nosso Hospital. Ela aí está ao cuidado de um Cirurgião de grande nível agora colocado, como lhe compete, no topo da Carreira Universitária (Professor Catedrático). E como, para minha grande alegria, isso também aconteceu na Cardiologia, onde os Professores Luís Providência e Mário Freitas atingiram a categoria de Professores Catedráticos pouco antes da minha saída, temos agora

os Docentes de Cardiologia Médica e Cirúrgica colocados ao mais alto nível académico. Para minha completa satisfação.

*

* *

Foram estes alguns aspectos que entendi dever referir sobre a minha vivência da Direcção do Serviço de Cardiologia ao longo dos anos.

O discurso que vos trouxe é o de alguém que aparenta estar contente consigo. O que não é inteiramente exacto.

Pesam-me algumas fugas à minha responsabilidade de Director, encarregando-me de tarefas que teriam de roubar, como roubaram, bastantes horas e alguns cuidados à Direcção do Serviço.

Refiro-me ao período em que assumi as funções de Presidente do 8.º Congresso Português de Cardiologia, realizado aqui em Coimbra em Abril de 1980, e à época que quase imediatamente se lhe seguiu em que cumpri o meu biénio de Presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, nos anos de 1981 e 82.

Entretanto, tenho que vos dizer que ainda hoje considero ter sido essa uma boa opção, pelo que devia à grande família cardiológica portuguesa e também pelo interesse que essas acções tinham para Coimbra e para a sua Faculdade de Medicina.

Acresce que foram para mim extremamente gratificantes ambas as tarefas. Pelo êxito de que se revestiram e pelo trabalho de equipa que proporcionaram.

Aos meus companheiros do Secretariado do 8.º Congresso Português de Cardiologia e aos meus Colegas da Direcção da Sociedade a que presidi, eu quero exprimir todo o meu apreço pela acção que comigo desenvolveram.

De entre tudo quanto pôde ser feito pela minha direcção na Sociedade de Cardiologia, eu desejo salientar os dois primeiros Simpósios Luso-Brasileiros de Cardiologia que marcaram, a nível da especialidade, o início de uma nova era nas nossas relações com os colegas brasileiros entre os quais fiquei contando numerosos Amigos que daqui saúdo com particular afecto.

“En resumidas cuentas” como tanto gostava de concluir D. Carlos Gimenez Dias nas suas Lições de Patologia Médica que fizeram a minha delícia como estudante, “en resumidas cuentas”, dizia eu, se o Serviço de Cardiologia foi objecto de menos cuidados durante um certo período, o seu Director saiu enriquecido de outras actividades de que o Serviço, reflexamente, também beneficiou.

E, retomando o fio do discurso sobre a vida do Serviço de Cardiologia ao longo destes anos, eu penso que alguém em meu lugar poderia agora ceder a uma tentação em que não caio: falar-vos, relativamente ao meu consulado, da quantidade de profissionais que o Serviço formou, de quanto ajudou a difundir na sua esfera de influência, das reuniões em que participaram os seus membros, dos trabalhos científicos que apresentaram e foram publicados, etc., etc.. Não irei fazer isso, por me parecer não ser este o momento próprio.

Entretanto, não resisto à tentação de recordar aqui o testemunho de alguns Chefes de Escola da Cardiologia Nacional que, na altura dos Congressos Portugueses de Cardiologia dos últimos anos, me fizeram notar o seu apreço pelo crescimento do Serviço que eu estava dirigindo e bem se patenteava nas actividades trazidas aos Congressos.

E isto me leva a falar-vos de um aspecto que não poderia silenciar: o da enorme importância que teve para o Serviço a sua transferência para as novas instalações, onde as condições logísticas mudaram radicalmente e as estruturas de apoio, Secretariado

Clínico e informatização das várias actividades, propiciaram uma acrescida rentabilidade.

Sofremos muitos anos a penúria das instalações do Velho Hospital. Mas valeu a pena!

E aqui eu desejo prestar homenagem aos meus colaboradores — médicos e não médicos — cuja actividade no Serviço, em condições nem sempre ideais, foi o motor do seu desenvolvimento em termos de uma qualidade que lhes é inteiramente devida.

E, falando de todos, eu não posso deixar de, neste momento de balanço, aqui lembrar dois Chefes de Serviço — o Dr. Luís Providência (Pai), já retirado há anos e o Dr. Chorão de Aguiar que agora vai retirar-se — ambos credores do meu muito apreço e consideração pessoal, como símbolos de capacidade e de insuperável dedicação ao Serviço.

Para ambos eles e outros colaboradores que no Serviço continuarão, eu deixo — aqui e agora — a minha homenagem impregnada de afectividade.

E com isto estou já fazendo a ponte para o segundo motivo que me teria impedido de recusar esta festa jubilar: a presença de numerosos Amigos, de mistura com alguns familiares meus aqui presentes.

E mal distingo uns dos outros, dando razão a Pierre Bayle quando afirmava: “um Irmão é um amigo que nos dá a natureza. Um Amigo e um irmão que a sociedade nos concede”.

A todos eu quero saudar, agradecendo a sua presença nesta cerimónia, em gesto de Amizade que muito me sensibiliza e só tem paralelo na atitude de quantos tornaram possível esta festa jubilar.

Além daqueles que, a título oficial, estão presentes nesta cerimónia e a quem agradeço penhoradamente a honra que me

deram, eu vejo aqui Amigos que fizeram muitos quilómetros para estar hoje comigo, ao lado de outros que, morando mais próximo, não quiseram faltar. E alguns, de entre uns e outros, com várias solicitações para este dia, fizeram a opção de estar comigo. Quanto lhes agradeço esse gesto de Amizade!

Vejo Professores das várias Faculdades de Medicina, vejo elementos da Direcção a que presidi na Sociedade Portuguesa de Cardiologia, vejo Colegas do Conselho Nacional de Ética e Deontologia da Ordem dos Médicos, vejo Directores de Serviço do nosso Hospital e de outros Hospitais Centrais e Distritais, vejo muitos outros Colegas e Amigos, vejo elementos do Serviço de Cardiologia que dirigi e vejo – os últimos são os primeiros – condiscípulos do meu Curso Médico de 1939-45.

E vejo ainda, entre muitos que já nomeei, alguns discípulos meus de várias gerações, a quem procurei dar o melhor de mim.

Gostaria, nesta circunstância, de ter possibilidade de dirigir a cada um dos presentes uma palavra personalizada, grata e Amiga. Mas como isso é coisa que ultrapassa o domínio do possível ou, pelo menos, do viável, terei que me dirigir a todos em conjunto.

Pois, meus prezados Colegas e queridos Amigos, a vossa presença nesta cerimónia, nimbada embora de uma certa luz crepuscular, faz dela uma festa.

E se é certo que uma festa não se faz sem Amigos, vós, por isso mesmo, é que sois a festa. Vivamo-la com alegria embora com uma ponta de saudade.

E que, neste contexto, eu não posso deixar de lembrar alguns ausentes: uns que circunstâncias intransponíveis impediram hoje de estar aqui, como era seu desejo, outros que tendo partido em viagem sem regresso já não podem estar connosco, mas de algum modo contribuíram para a minha presença aqui, no dia de hoje.

E assim é que, de entre outros familiares e alguns amigos, eu evoco meus Pais e meu Sogro, a quem muito devo e aqui recordo com profunda saudade.

E recordo os meus Mestres que partiram, com especial relevo para João Porto e Mário Trincão, figuras de grande prestígio nos domínios da Cardiologia e me precederam na Direcção do Serviço que agora deixei.

De João Porto recebi o meu primeiro convite para ficar na Faculdade. Acompanhei-o durante cerca de 10 anos, até ao meu Doutoramento e posse como primeiro Assistente, e dele recebi motivos de entusiasmo pela clínica e pela investigação cardiologica.

A sua capacidade intelectual, abertura de espírito e grande cultura, bem como o seu devotado amor à Cardiologia e ao cardíaco doente, que fizeram dele um percursor e um pioneiro da Cardiologia Social, dentro e fora do país, merecem ser recordados aqui, nestas palavras de homenagem que o discípulo deve à memória do seu Mestre e Amigo.

Daqui saúdo ainda alguns Professores vivos na pessoa do seu decano, Prof. Augusto Vaz Serra, individualidade de grande gabarito na história da nossa Faculdade e que Deus conserva em plena lucidez de espírito.

Depois dos meus Mestres, considero que devo muito aos meus Colegas de Curso, pelo ambiente de seriedade, trabalho, alegria e grande camaradagem que constituiu timbre desse magnífico curso a que pertencemos.

Para os condiscípulos que me quiseram dar o gosto da sua companhia no dia de hoje, vai uma saudação fraterna de grande Amizade, com uma referência especial aos Colegas Gouveia

Monteiro e Renato Trincão que comigo ficaram na Faculdade, onde fizeram carreiras de grande prestígio.

Considero ainda que muito devo também a um grupo de familiares e alguns Amigos mais próximos. Cada um a seu modo e em diferentes momentos me soube dar, ao longo da vida, muita compreensão e Amizade, de grande valor para suporte do espírito e felicidade do Homem.

E agora, prestes a terminar, sem correr o risco de resvalar para um intimismo inconveniente, eu quero aqui recordar quanto devo ao ambiente familiar que desde a infância sempre me rodeou e se foi enriquecendo com o decorrer dos anos: o casamento, os filhos, e depois os netos: riquezas diferentes para diferentes fases da vida.

Para uns e para outros aqui fica uma mensagem muito especial. Mas é para minha Mulher, companheira de todas as horas, a minha penúltima palavra deste agradecimento, dizendo-lhe quanto foi importante para a minha vida pessoal, familiar, profissional e universitária, o seu afecto, a sua alegria, o seu apoio, o seu senso comum e a sua ajuda ao longo destes anos.

*

* *

Poderia terminar aqui, mas não quero fazê-lo sem uma palavra mais, em jeito de confiança.

Quero dizer-vos que me considero um homem de sorte. Não tanto pelos extraordinários progressos científicos e tecnológicos a que pude assistir durante a minha vida ou me foi dado viver no decurso da minha carreira. Mas pelos Amigos e companheiros que Deus pôs no meu caminho...

Foi Ortega y Gasset que um dia disse, com grande lucidez

“Yo soy yo y mi circunstancia”.

Pois em “mi circunstancia” sempre pesaram muito os meus Amigos e são eles, quase só por si, a grande razão deste belo momento que hoje me quiseram fazer viver.

E agora, senhoras e senhores, meus queridos Amigos aqui presentes, agora sim, vamos à Vida, que a Vida espera por nós!

Para vós, nos dias que se seguem, vai ser a vossa tarefa habitual.

Para mim — e daqui por diante — será uma fase diversa com tarefas diferentes que esperam por mim há longo tempo.

Assim Deus me deixe cumprir a minha esperança...

CERIMÓNIA NA UCIC *

SENHOR PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SENHOR DIRECTOR DO SERVIÇO DE CARDIOLOGIA
PREZADOS COLEGAS E AMIGOS DESTE SERVIÇO

Não posso esconder quanto me tocou a vossa gentileza de ligar o meu nome a esta Unidade de Cuidados Intensivos para Cardíacos (fundamentalmente uma Unidade Coronária) à qual dei muito do meu entusiasmo e dedicação.

Confesso que é um gesto que grandemente me sensibiliza e desvanece.

Ao Conselho de Administração deste Hospital, na pessoa do seu Presidente e meu querido Amigo Prof. Meliço Silvestre e aos companheiros e Amigos deste Serviço de Cardiologia na pessoa do seu Director Prof. Luís Providência, eu agradeço penhoradamente a honra que quiseram fazer-me. Bem hajam!

MEUS PREZADOS COLEGAS E AMIGOS

Nascida no Velho Edifício do Colégio das Artes, em instalações Gulbenkian de excelente qualidade, a UCIC foi para médicos e

Depois da última Lição, as pessoas deslocaram-se ao Serviço de Cardiologia. Aqui, após algumas palavras do Prof. Meliço Silvestre, Presidente do Conselho de Administração dos HUC, foi descerrada à entrada da UCIC uma placa com a inscrição UCIC RAMOS LOPES, tendo o homenageado agradecido.

doentes, naquele velho Hospital, um autêntico oásis pela qualidade das instalações, equipamento e nível de cuidados médicos.

Lembrando estes factos, eu desejo sublinhar quanto o exemplo de Arsénio Cordeiro, ao avançar com a primeira Unidade Coronária do país no Hospital de Santa Maria, nos estimulou para a estruturação e abertura desta Unidade.

Ao evocar o Mestre que, como um dia profetizei, continua vivo na obra dos seus discípulos, aglutinados pelo Prof. Carlos Ribeiro, eu presto a minha homenagem a este prestigioso colega e a toda a sua equipa, com a expressão do meu mais alto apreço e devotada estima.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES. QUERIDOS AMIGOS

Depois de um agradecimento e em seguida a uma palavra de justiça, eu gostaria de terminar com uma oferta, simples e desvaliosa.

A oferta de uma legenda, a maneira de ex-libris desta Unidade, que aliás serviria a outras Unidades congeneres:

Luta-se aqui noite e dia,
Com saber, com emoção,
Numa infindável porfia:
— “Coração por coração”!

HOMENAGEM DA FACULDADE DE MEDICINA *

MAGNÍFICO REITOR

SENHORES PRESIDENTES DOS

CONSELHO DIRECTIVO, CIENTÍFICO E PEDAGÓGICO DA F.M.C.

SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DE REPRESENTANTES

QUERIDOS MESTRES (ainda vejo alguns)

PREZADOS COLEGAS. QUERIDOS AMIGOS

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Quiseram os Conselhos Científico e Directivo da nossa Faculdade de Medicina, com o patrocínio do Magnífico Reitor, prestar hoje pública e solene homenagem a três dos seus Professores que neste ano de 1990 — em que a Universidade completa sete séculos — perfazem, por seu lado, sete decénios de vida e assim atingem a idade da jubilação. Impõe-se-me que, pela minha parte, aqui lhes deixe duas palavras breves.

Considero ter sido extremamente feliz esta ideia de nos juntar os três para uma homenagem comum, até porque fez há quatro dias 35 anos — 06 de Novembro de 1955 — que três nóveis Doutores, exactamente os jubilados de agora, tiveram a sua cerimónia de imposição solene de insígnias doutorais, em Domingo de sol.

Então houve festa com toque do sino grande da Torre, ramos de louro na Via Latina, cadenciado cortejo doutoral, discursos,

* Aos três Professores jubilados em 1990, no Auditório da Reitoria em 10.11.90. Após palavras do Presidente do Conselho Directivo e de cada um dos sucessores dos homenageados, estes falaram também. O Reitor encerrou.

acordes da charamela, imposição de insígnias doutorais e muitos abraços.

Não houve mel do Himeto para os heróis, mas grande quantidade de doce de ovos para os mais empenhados neste ritual.

Entretanto, 35 anos se escoaram na ampulheta do Tempo! E, novamente os três, cá estamos nós, aprestando-nos para encetar a descida da Acrópole.

O ambiente é outra vez solene, há Amigos em volta e há muitas testemunhas do percurso de cada um de nós. Este é de algum modo um momento de balanço, obviamente diverso daquele que vivemos há 35 anos. Mas que merece ser vivido com serenidade e com esperança.

A serenidade do dever cumprido e a esperança nas virtualidades de uma nova etapa da vida.

Torna-se claro que, neste instante, não nos poderemos furtar a uma mirada retrospectiva, isto é, a um olhar sobre o nosso passado.

A infância, a adolescência e a longa etapa da nossa formação académica — com destacada lembrança dos condiscípulos e Amigos e com viva recordação dos Mestres que mais contribuíram para a nossa formação profissional e humana — marcam a primeira grande fase da existência, irremediavelmente assinalada por perduráveis marcas de sonho e de ilusão.

E será bem pobre aquele que não guarde grata lembrança desta fase da vida...

Por isso, eu não posso nem quero neste instante de recordação, deixar de aqui evocar os meus Condiscípulos e Amigos, os meus

Mestres e — porque não? — as minhas ilusões e os meus sonhos de juventude...

*

* *

Veio depois um período ainda mais longo, correspondendo à minha vida na Faculdade e no seu Hospital, onde entrei pela mão de João Porto — nome grande da Universidade Portuguesa e da Cardiologia Nacional e Europeia — e onde fiz toda a minha carreira.

João Porto, Antunes de Azevedo, Bruno da Costa e Mário Trincão foram Mestres com quem trabalhei, a quem muito devo em termos de formação profissional e humana, e cuja memória aqui evoco com profunda saudade.

O que agora vos poderia dizer sobre as coordenadas da minha actividade na Faculdade de Medicina e no seu Hospital, foi recordado pelo Prof. Luís Providência, em termos que me cumpre agradecer, e disse-o eu próprio recentemente, durante uma inesquecível cerimónia jubilar que os meus colaboradores do Serviço de Cardiologia quiseram promover no passado dia 20 de Outubro, dia assinalado com uma pedra branca no meu percurso existencial.

Por tudo isto não irei repetir-me.

Mas não posso furtar-me a confessar-vos aqui, nesta hora de jubilação, quanta honra sempre senti em ser Professor desta Universidade e quanto prazer me deu poder deixar na Cadeira a que estava afecto, e está hoje servida por um moderno Serviço Hospitalar com todas as valências exigíveis, poder deixar, dizia, dois Professores Catedráticos de grande qualidade que prestigiam, e muito prestigiarão, a nossa Faculdade e o seu Hospital.

A aspiração máxima de um professor, a de deixar continuadores, pôde assim ser cumprida. E a Cardiologia Médica da nossa Faculdade, aí está, plena de potencialidades.

Paralelamente, eu quero também regozijar-me convosco por ter visto coroados de pleno êxito os esforços que com outros envidei para dotar Coimbra e a sua Faculdade de Medicina de uma Cirurgia Cardíaca de qualidade, agora confiada a um jovem Professor Catedrático de grande prestígio e invulgar capacidade cirúrgica.

Por todas estas razões, eu quero dizer-vos que, ao abandonar a minha actividade oficial na Faculdade de Medicina e no seu Hospital — actualmente servido por modelares instalações — constitui para mim motivo de grande júbilo ver a Cardiologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra, na sua dupla face médica e cirúrgica, ocupar um prestigioso primeiro plano e assistir à inversão do fluxo dos doentes cardíacos, sobretudo potencialmente operáveis, que de todas as partes do país demandam agora, e cada vez mais, o nosso prestigiado Hospital.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Não vou alongar-me nestas palavras que me cumpria proferir durante esta cerimónia de um luzido “Adeus às Armas” com que quiseram brindar-nos.

Esta é pois, para nós, uma hora de partida.

“Coimbra tem mais encanto
Na hora da despedida”

diz-se, romanticamente, em célebre BALADA DE DESPEDIDA de um Curso do 5.º Ano Médico, de há 30 e tal anos, que recordo com grande apreço e do qual aqui vejo categorizados elementos.

Eu sinto a verdade deste conceito, mas nunca a experimentei nem irei experimentar agora, porque não vou despedir-me.

Não vou despedir-me dos Colegas, nem dos Amigos, nem dos meus companheiros de trabalho, embora aqui os refira e evoque com muito apreço e grata Amizade.

Despeço-me para já, e tão somente, do meu trabalho oficial, porque outras tarefas de índole diversa esperam por mim.

Mas se não me despeço dos Colegas e Amigos, cumpre-me, nesta hora, que a todos aqui deixe uma palavra de rendido agradecimento por esta homenagem em que todos estão colaborando.

Ao MAGNÍFICO REITOR — a quem exprimo sentimentos de muito respeito e grande consideração pessoal —, aos Senhores PRESIDENTES DOS CONSELHOS DIRECTIVO E CIENTÍFICO, cuja penhorante gentileza guardarei na minha lembrança, ao Prof. Luís Providência que, como meu sucessor, se encarregou de aqui recordar a minha trajectória académica, aos membros do Conselho Científico e outros Colegas e Amigos aqui presentes, eu dirijo uma palavra de apreço, de Amizade e de reconhecimento.

Eu bem sei que as Instituições, ao honrarem os seus membros, se estão honrando a si próprias.

Mas isso não impede que cada um se sinta grato pelas homenagens recebidas e que, sem embargo de as devolver à respectiva Instituição — como agora eu faço —, as possa sentir como suas e assim vinculado ao dever de as agradecer. Por isso, a todos e a cada um, eu aqui agradeço penhoradamente. Bem hajam!

*

* *

**SENHORES PROFESSORES
ARMANDO SIMÕES DE CARVALHO
e RENATO TRINCÃO**

Queridos Amigos

É para vós, companheiros de muitos anos e desta hora crepuscular de tons dourados, a minha última palavra de hoje. E para que ela tenha mais força, mais poder de síntese e mais impacto, será em verso. O que, obviamente, lhe introduzirá alguma poesia.

Chamei-lhe JUBILAÇÃO. Ela evoca a libertação do peso de algumas obrigações e responsabilidades, aqui simbolizadas no antipático transporte daquela pesada pasta cheia de documentos ou livros cuja carga tantas vezes me molestou. É-vos dedicada e diz assim:

Curvei-me ao peso da pasta
E ao peso de algum poder,
Mas agora digo BASTA!
Vou endireitar-me e crescer.

Coluna na vertical
Sem qualquer bossa ou corcova.
Peito cheio, ombros p'ra trás
E em postura de rapaz,
Passo largo e vida nova.

Olhar ao longe... o porvir
Tem tanto p'ra desvendar...
Partamos pois a sorrir,
Há tanto céu, tanto mar...

ÍNDICE

ÚLTIMA LIÇÃO	3
CERIMÓNIA NA UCIC	19
HOMENAGEM DA FACULDADE DE MEDICINA.....	21

biblioteca
municipal
barcelos



28663

Última lição e cerimónias
jubilares